

“PASSARIN CANTA ALEGRE PORQUE CHOVEU”: EXPERIÊNCIAS DE UM “PROFETA” E PREVISÕES DAS SECAS E CHUVAS NO SERTÃO PARAIBANO

Pedro Felipe Miranda de Vasconcelos¹

 <https://orcid.org/0009-0007-2485-726X>

Valdênio Freitas Meneses²

 <https://orcid.org/0000-0002-1914-9265>

RESUMO

O artigo analisa experiências e profecias das chuvas e secas do sertão da Paraíba. Aqui o termo “experiência” evoca prenúncios de “anos bons ou ruins” de estiagem, observação de plantas e animais junto a rituais de santos e datas do calendário religioso católico. Utilizamos registro de entrevistas, diário de campo e fotografias com um profeta – e agricultor aposentado – da cidade de Pombal/PB. De acervo deste mesmo profeta, também temos cordéis publicados na paróquia de Nossa Senhora do Rosário. Analisamos este material unido à revisão bibliográfica acerca das experiências das secas e das chuvas. Primeiro, como registro “folclorizado” no século passado por memorialistas que catalogaram relatos das secas e das chuvas nos “sertões” do Nordeste. Segundo, na literatura acadêmica sobre os encontros de profetas da chuva, eventos que se expandiram por vários estados do semiárido nordestino no século XXI. Realizados anualmente – e amplamente divulgados pela imprensa e redes sociais-, esses encontros são geralmente organizados por universidades e setores público e privado relacionados à meteorologia, gestão de águas e agricultura. Por fim, o artigo debate um “choque” conflituoso de legitimações: de conhecimentos científicos com os conhecimentos ditos “populares”. Da visão moderna da ciência, e seus conceitos de observação, experimentação, indução em “choque” contra as percepções sociais e saberes acerca do clima no sertão da Paraíba.

Palavras-chave: Profecias da Chuva. “Experiências” das Secas. Saberes Locais. Sertão Paraibano.

“PASSARIN CANTA ALEGRE PORQUE CHOVEU”: EXPERIENCES OF A “PROPHET” AND PREDICTIONS OF DROUGHT AND RAIN IN THE PARAIBAN SERTÃO

ABSTRACT

This article was based on research about rain prophets in Brazilian northeast. These men and women name as “experiences” their predictions of rain and drought: a combination between observations of the nature linked to religious or “astrological” perspectives. This research aims at interdisciplinary cooperation between social sciences and agricultural sciences, understanding the social phenomena of the knowledge of experiences linked to the creation of weather forecasts. The research use semi-structured interviews with a prophet from the region of Pombal/PB. The analysis makes observations about the particularities and daily lives of the “prophets” and how they describe and interprets the relationship with the observation of nature and religious faith. Furthermore, the article goes towards a bibliographical review about the rain prophets: from the classical books of the “folcloristas” (last century) to the recent academics researches about the congresses of the prophets. Since the last two decades these congresses have strong public support – politics, universities, social media, public water companies – and have increased this size in many states of semiarid region of Brazilian northeast. The article conclusion discusses how these congresses construct one conflict: science models (observation, induction, experimentation) about climate phenomena against the so called

¹ Graduando em Agronomia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: pedro.miranda@estudante.ufcg.edu.br.

² Doutor em Ciências Sociais. Professor da Unidade Acadêmica de Ciências e Tecnologia Ambiental (UACTA) e do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: valdenio.freitas@professor.ufcg.edu.br.

“experiences” as a local knowledge about the rains and droughts.

Keywords: Rain Prophecies. Droughts “Experiences”. Knowledge. Sertão Paraibano.

“PASSARIN CANTA ALEGRE PORQUE CHOVEU”: EXPERIÊNCIAS DE UN “PROFETA” Y PREVISIONES DE SEQUÍA Y LLUVIA EN LA HISTORIA DE PARAIBA

RESUMEN

El artículo analiza experiencias y profecías de lluvias y sequías en el interior de Paraíba. La palabra “experiencia” evoca presagios de “años buenos o malos” de sequía, observación de plantas y animales junto con rituales de santos y fechas del calendario religioso católico. Utilizamos, como principal recurso de investigación, registros de entrevistas, diarios de campo y fotografías con un profeta – y agricultor retirado – de la ciudad de Pombal/PB. También hacemos la revisión de la literatura sobre las experiencias de sequías y lluvias en Nordeste brasileño. Primero, como un registro “folklorizado” del siglo pasado por autores de libros memorialistas. En segundo lugar, en la literatura académica sobre los congresos de los profetas de la lluvia, eventos que se han extendido a varios estados del nordeste semiárido en el siglo XXI. Todos los años estos encuentros son organizados por universidades y sectores públicos y privados, relacionados con la meteorología, la gestión del agua y la agricultura. Estos congresos abren un escenario conflictivo de legitimaciones: entre el conocimiento científico y el llamado conocimiento “popular”. Hay un embate entre la visión moderna de la ciencia y sus conceptos de observación, experimentación e inducción con las percepciones sociales y el conocimiento de las “experiencias” de sequías y lluvias en el interior de Paraíba.

Palabras clave: Profecías de Lluvia. “Experiencias” de Sequías. Conocimiento local. Sertão Paraibano.

INTRODUÇÃO

*O sapo ta animado
De dezembro pra janeiro
Vai cair chuva no sertão
Pra animar os pecadores
E a acabar com o calorção*

(Espedito Ludugério, Pombal/PB)

No dia 07 de dezembro de 2023, O Sr. Espedito Ludugério Ferreira nos envia votos de feliz natal e, em seguida, recita e envia o canto acima em aplicativo de mensagens do celular. Nessas gravações, ele relata como interpreta o barulho dos sapos à noite para prever um “inverno bom” de chuvas para 2024. O contato também marcou o primeiro de ano de atividades de pesquisa de iniciação científica que deu origem a este artigo. Feita por um professor formado em Ciências Sociais e um aluno graduando do curso de Agronomia, a pesquisa teve objetivo inicial de registrar as experiências dos profetas da chuva, seus rituais e práticas cotidianos da zona urbana e rural da cidade de Pombal e de outras do sertão da Paraíba. Tentava compreender a relação entre as previsões das secas, com os saberes e com as atividades agrícolas no sertão da Paraíba. A partir disso foi feito contato com o Sr. Espedito – agricultor aposentado e morador do bairro dos Pereiros – através de informações obtidas

com membros da igreja de Nossa Senhora do Rosário da cidade de Pombal/PB. Nessa igreja, o Sr. Espedito costuma escrever e distribuir seus cordéis nas cerimônias religiosas da “Festa do Rosário”³.

O que o Sr. Espedito chama de experiência têm bastante proximidade com registros de um conhecimento também nomeado como “experiência” das chuvas e das secas, citado em correspondências, livros de intelectuais folcloristas e memorialistas ao longo do século XX: José Magalhães (1963); Câmara Cascudo [1972] (2012), Alberto Galeno (1998) e Aderaldo Medeiros Ferreira (1999). Importante também destacar que, a partir das conversas com o Sr. Espedito, construímos material de pesquisa próximo a produções acadêmicas sobre os “rituais”, experiências e encontros de profetas da chuva. Esses encontros – a exemplo dos que ocorrem em Quixadá-CE – usualmente realizados no mês de janeiro reúnem profetas e profetisas, profissionais de universidades e representantes de setores público e privado, relacionados à meteorologia e agricultura. Esses eventos são cada vez mais divulgados pela imprensa local e redes sociais, até mesmo tendo edições realizadas via *lives* no período da pandemia da COVID-19 (2021-22). Analisando os encontros, Taddei (2006, 2017), Taddei e Gambogi (2010), Martins (2006), Pennesi (2006) Sousa e Pennesi (2012) avançaram em pesquisas sobre o tema e estarão em diálogo com este artigo.

Ao falar desse tema das experiências e previsões das chuvas, é importante ver o quanto já foi produzido sobre o tema das secas. Em breve busca dos termos “seca” ou “secas” no acervo desta revista, notamos que este tema já foi abordado de várias maneiras. Nas primeiras edições há um texto de um autor clássico sobre as secas, o geógrafo Manuel Correa de Andrade (1985). A revisão de Miranda *et al.* (2023), na edição comemorativa de 40 anos desta revista, destaca um tema recorrente nos conflitos que envolvem as secas, agricultura de “sequeiro” e imposição de racionalidades do Estado e suas políticas de modernização e irrigação no sertão paraibano. Outros temas atravessados pelas secas passam pela condição da mulher na migração (Ramalho, 1996) e o discurso oculto ou silencioso dos retirantes em relação às secas (Sousa, 1994) (Castro Neves, 2013). Nas décadas mais recentes, as secas são tema de artigos que abordam a emergência e consolidação dos discursos de convivência com semiárido ao longo do século XXI (Amorim; Grisa, 2018). Tivemos em vista inserir um tema inédito, os profetas e as experiências de previsão das secas nesse longo acervo das Raízes.

O artigo divide-se em três tópicos. Na primeira parte, temos a revisão crítica da literatura sobre os profetas da chuva em duas vias: dos textos que classificamos como literatura folclorista até uma literatura acadêmica sobre os profetas da chuva. Em um segundo momento, apresentaremos material construído a partir da pesquisa com o profeta Espedito Ludugério de Pombal: tentamos reconstruir, nos limites, imprecisões e “choques” da linguagem acadêmica conceitual e a linguagem das

³ A festa do Rosário de Pombal/PB tem como destaque as danças dos Reisados, Congos e Pontões, feitos por pessoas das comunidades quilombolas da cidade. Sobre a dança dos Congos foram registrados áudios na famosa excursão de Mario de Andrade em 1938.

experiências, as percepções no ciclo de secas e das chuvas. Por fim, nas conclusões, lançamos a agenda de debate acerca de um conflito expressado na linguagem, nos modelos escritos e calculados das racionalidades científicas junto aos conhecimentos evocados e recitados da experiência de um profeta da chuva sobre os processos naturais, rituais religiosos e as memórias das secas no semiárido.

“O ANO BOM E TÁ BONITO PRA CHOVER”: DE FOLCLORES E CRENDICES AOS ENCONTROS E *LIVES* NA PANDEMIA DE COVID-19

É difícil nos certificarmos quando ou quem primeiro registrou, na forma impressa, a oralidade das profecias e experiências das secas e chuvas na região Nordeste – ou antigo “Norte” do Brasil. É possível deduzir que, na transição do século XIX-XX, a repercussão da tragédia messiânica de Canudos-BA e o avanço de uma cultura técnica e cartográfica das engenharias de grandes obras hídricas⁴ tenha “forçado” aproximação de certa elite intelectual “letrada” com as populações rurais com suas linguagens, saberes, experiências das chuvas e secas. Nesse sentido, o impacto do texto do engenheiro Euclides da Cunha implicará o uso da técnica não somente para dominar o território e a natureza das secas através da açudagem e barragens etc. Acompanha um projeto de Estado com nova visão “civilizatória”: daí as missões – primeiro de políticos, engenheiros, sanitaristas, e depois memorialistas e folcloristas – rumo às populações tidas como bárbaras e incivilizadas, sempre sob risco da revolta diante do quadro de miséria. Esse imaginário da nação euclidiana seguiu tanto a relação do Estado e nação com os sertões verdes e aquosos amazônicos, quanto como no cenário abrasado e ressequido similar a região da Guerra de Canudos, “Norte” do Brasil (Napoleão de Lima, 2001).

Na primeira metade do século XX, trechos de diários e correspondências de engenheiros e políticos, registram e tentam “enquadrar” e classificar as experiências das chuvas e secas. Podemos ver, por exemplo, Tavares Lyra (1919) na comunicação “Secas do Nordeste”, dirigida ao Instituto Geográfico Brasileiro. O texto faria parte de um compêndio histórico e etnográfico do Rio Grande do Norte para um dicionário comemorativo do centenário da independência do Brasil (1922). Após mencionar cenas brutais de mortes nos registros de secas (1877 a 1915) e o orçamento das açudagens e poços do Instituto Federal de Obras de Combate as Secas (IFOCS), Tavares Lyra (1919, p. 61) copia trecho de correspondência de 1909, entre o deputado potiguar Felipe Guerra e seu irmão Theofilo Guerra, que menciona as profecias das secas:

(...) o dia 1º do ano limpo, com sol claro, é sinal de bom inverno; chuvoso, indica mau inverno ou seca. O mesmo com o dia 2 de fevereiro. Chuvas parciais em Outubro, ramas, relâmpagos para cima, bom sinal; chuvas em Novembro, mau signal. Chuvas em Dezembro, ramas, bbugens, relâmpagos para cima, ótimo sinal. Houve relâmpagos nas vésperas da Conceição?

⁴ Sobre essa cultura técnica das obras das secas e a entrada de engenheiros no território setentrional do Brasil no início do século XX, ver os trabalhos de Marcus Dantas de Queiroz (2020) e Leonel Olimpio (2023).

Excelente sinal. O dia 24 de Dezembro apresentou sinais de inverno, chuvas ou mesmo simples relâmpagos para cima? Pode comprar garrotes sem medo, pois o inverno virá. Choveu domingo de carnaval; a semana santa foi chuvosa? Bom inverno. Dia de S. José, 19 de Março, foi limpo, ainda soprou o vento da seca? Pode contar com a seca. (...) As experiências do povinho baseiam-se naquilo que ele facilmente enxerga. No fim do ano, as formigas de roça procuram situar-se nas baixas, no leito dos riachos ou dos rios? Não haja dúvida: o ano será seco. Parece que as abelhas de ferrão têm desaparecido? Ninguém as vê? É seco o ano. Em Novembro ou Dezembro, mesmo em Outubro, em plena seca, os olhos d'água e as fontes perenes mostram sensível aumento d'aguas? Bom signal. O juazeiro, a oiticica, a carnaubeira brotam cedo? Bom prenúncio. O peixe está ovado no fim do ano? Bom sinal (Tavares Lyra, 1919, p. 61).

As experiências dos profetas da chuva também foram alvo dos folcloristas e documentaristas: discursos, vozes, práticas “carimbados” como selo popular e autenticamente nordestinos (Albuquerque Jr., 2013). Utilizando da modernidade técnica da produção em massa de livros impressos, radiofonia e telégrafos, os textos folcloristas construirão intelectualmente uma visão de passado, “tradição” demarcada como “cultura nordestina”: formas de expressão que foram apropriados e nomeados, e impostos como a identidade autêntica de uma região. Nesse sentido, Cascudo ([1972], 2012) relata sobre os diversos saberes inseridos nos prognósticos da seca em verbete no seu Dicionário do Folclore Brasileiro:

Não existia autoridade maior para os olhos dos fazendeiros e os prognósticos meteorológicos (...) Foi um dos livros mestres para os cantadores populares na parte deles denominavam “ciência! Ou “cantar teoria”, gramática, história, doutrina cristã, países da Europa, capitais, mitologia (Câmara Cascudo, [1972] 2012, p. 406).

Outro enquadramento folclorista importante foi o livro “Previsões Folclóricas das secas e dos invernos do Nordeste Brasileiro”, do médico Josa Magalhães, feito a partir de uma conferência no V Congresso Brasileiro de Folclore realizado em Fortaleza, em 1962. Magalhães menciona já o atrito das experiências dos sertanejos com as previsões dadas pelos nascentes institutos de meteorologia: exemplo disso foi a seca de 1932, que contrariou a previsão de chuvas dada pelo Serviço de Meteorologia do Rio de Janeiro. Assim, ele classifica a “necessidade” de previsões empíricas dos sertanejos:

A inconstância das chuvas, o temor das secas e a ausência de órgão previsor do tempo geram, pois, no espírito atribulado do sertanejo, grande inquietação, tanto maior quanto mais se aproxima a época das precipitações pluviais. Nesta conjuntura, a seu modo, entra o sertanejo a interpretar os fatos da natureza e a fazer previsões empíricas do tempo (Magalhães, 1963, p. 100).

Magalhães (1963) defende que os profetas da chuva desenvolveram suas “experiências” longe da ciência experimental devido à necessidade prática que tinham de “prever” as chuvas para poderem planejar melhor suas atividades no campo: “E, na verdade, para os sertanejos, tais experiências valem mais que toda a ciência experimental dos doutores, porque são tradições orais que vêm de outras eras, legadas por seus maiores homens bem experimentados neste mister” (Magalhaes, 1963, p. 254).

O empreendimento folclorista de colocar em escritos a oralidade das profecias e experiências de inverno continuará em livros publicados até a década de 1990. A partir dos textos de classificação folcloristas, elaboramos um quadro abaixo acerca das profecias das secas e das chuvas, relacionando ao calendário e datas religiosas:

Quadro 1: Calendário e as experiências das secas e chuvas

DATA	TÉCNICA/OBSERVAÇÃO
Primeiros dias de Janeiro	O dia 1º do ano limpo, com sol claro, é sinal de bom inverno; chuvoso, indica mau inverno ou seca. Quando a primeira lua nova de janeiro se mostra com o corno virado para o Norte, em posição mais baixa que o do sul, espera-se bom inverno.
10-20 de janeiro (Festa de São Sebastião)	Se balões soltados a noite, depois da novena, se dirigiam para o lado do poente ou sertão, o inverno seria escasso. Se rumarem para o nascente podia-se contar com bom inverno (Magalhães, 1963, p.24-25).
02 de fevereiro (Nossa Senhora das Candeias – Iemanjá a depender da região do Brasil)	Observar a chuva ou sol (...) as seis horas da manhã do dia 2 de fevereiro. Costuma-se fazer uma pequena fogueira com fragmentos de madeira a qual se não se deixa enchamejar. Se a fumaça subir verticalmente é inverno ruim. Se, ao contrário, a fumaça espalhar-se rasteira, muito baixa, premonição é de bom inverno (Magalhães, 1963).
19 de março (dia de São José)	(...) foi limpo, ainda soprou o vento da seca? Pode contar com a seca (...), se não chover até este dia está decretada a seca.
24 a 25 de Junho (São João)	Diz-se que no dia 23 ou 24 de junho, véspera ou dia de São João, cair um serenozinho ou pintar chuva durante o dia, o inverno do ano seguinte será bom (...) se a noite cair chuva que apague a fogueira de São João, não faltará inverno, igualmente no próximo ano.
29 de junho (São Pedro)	Garrafa com água embaixo da fogueira: a garrafa conserva-se ainda cheia, haverá bom inverno. Se estiver inteiramente vazia, será uma seca. Se nela existir bastante água, sinal de inverno regular. Se, porém, houver muito pouca, conta-se com um inverno escasso.
Durante o mês de setembro	Se, no mês de setembro, o dia estiver acinzentado, Sinal indicador de que o ano vai ser bom de inverno.
03 a 04 de outubro (São Francisco)	Chuvas nesses dias anunciam um ano seguinte bom (Guerra, 1909).
18 de Outubro	Se nesse dia, ao por do Sol fizer uma barra grande no poente pode-se contar com inverno (Guerra, 1909).
De setembro a novembro	(...) Ao arrancar-se um seixo que esteja com uma parte exposta, a parte enterrada se encontrar com a superfície suada ou umedecida, choverá bastante (Magalhães, 1963, p. 42).
13 de dezembro (Santa Luzia)	Sobre uma superfície lisa qualquer, exposta ao sereno da noite, depõem-se seis pequenas pedras de sal que representam, designadamente, os seis primeiros meses do ano. Na manhã seguinte, o maior ou menor grau de umidade de cada pedra responde a maior ou menor intensidade de chuva no mês que ela representa. (Magalhães, 1963, p. 43).
24-27 de dezembro (Natal)	Lua Cheia, serras cobertas de “neve” Observar o barulho que a hóstia faz ao ser partida na Missa do Galo.
08-12 de dezembro e 13-17 de dezembro	Observa-se o dia e os dias que se seguem ao de Nossa Senhora da Conceição, de 8 a 12 de dezembro, e Santa Luzia, de 13 a 17 de dezembro. Cada dia representa um mês dos cinco meses iniciais do ano. Observa-se a carregação nesses dias. Se tiver pelo menos relâmpago, é sinal de que no mês tem chuva; se não, é seco.
Todo o mês de dezembro	A curimatã quando desova cedo, o inverno começa cedo (Magalhães, 1963).
Durante o ano todo	Teju-açu hiberna na seca, quando é para chover, ele sai da toca.

	<p>Um “tatu peba de carrapatos na barriga, valendo a incidência, como sinal de inverno.” (Galeno, 1998, p: 16),</p> <p>Um mocó macho “capado” ou não, quer adivinhar algo [das chuvas], pois quando demonstra falta de interesse pela procriação, diferente do não capado que procria e garante a perpetuação da espécie.</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Guerra (1909), Magalhães (1963), Galeno (1998), Ferreira (1999).

Passando para os trabalhos acadêmicos sobre o tema das experiências e profecias da chuva, notamos uma mudança significativa na virada do século XX-XXI. Até o final do século XX, mesmo pesquisas bem fundamentadas sobre o tema das secas mantinham a visão “folclórica” ou de viés “determinista” acerca das experiências de inverno. Temos, por exemplo, dois trabalhos publicados na década de 1990. O primeiro é o livro *Raízes da Indústria da seca*, da historiadora Lúcia de Fátima Guerra. O capítulo III “Nascimento da Indústria da Seca” inicia mencionando tradição popular das profecias:

A tradição popular tem demonstrado que o sertanejo, de um modo geral, só explica ou entende as secas através de uma matriz determinista e providencialista. Atualmente são feitas previsões baseadas nos mais diversos argumentos, desde a observação direta da natureza (como o comportamento das formigas, peixes, abelhas, aspectos do juazeiro, da oiticica e da carnaubeira), até ilações feitas a partir os dias santos (como Semana Santa, Dia de São José, Dia de Santa Luzia) ou, ainda, inspiradas no Lunário Perpétuo (espécie de calendário anual que apresenta o ciclo solar, o planeta regulador do ano, etc.) (Guerra, 1993, p. 50).

Após citar trecho que menciona as experiências no documento *Notas sobre a Parahyba*, de Irineu Joffily (datado de 1892), autora faz o seguinte comentário:

Essas crendices e tentativas de previsão sobrevivem até os dias de hoje, demonstrando as condições de vida, o nível do conhecimento e as preocupações do sertanejo também persistem praticamente sem alteração, apesar dos avanços técnicos da meteorologia (Guerra, 1993, p. 51).

Se Guerra (1993) menciona sobrevivência de uma crendice, outro pesquisador do tema das secas, Alberto Macedo (1998), faz uma “previsão” de desaparecimento das profecias das secas e das chuvas no imaginário “popular” das secas. Macedo (1998) dedica todo o quinto capítulo de sua tese a analisar como as profecias são relatadas, utilizando de questionários com agricultores e agricultoras de Pernambuco, Paraíba, Piauí e Ceará. Intitulado “Descrença na previsão e superação das experiências” o capítulo encerra com trechos que atestam certeza de que, ao final do século XX, está em curso a decadência e perda de credibilidade de tal conhecimento:

Nas páginas anteriores afirmamos que as experiências religiosas e a lógica das eras não gozavam da mesma credibilidade entre os informantes e seus pais e avós, e isso, vem a ser verdadeiro. Se no passado elas foram objeto de organização de cultos, com certa regularidade e aglutinava um número significativo de crentes e de crenças, hoje sua significação é bastante reduzida, e sua eficácia questionável, mesmo entre aqueles que as executam (Macedo, 1998, p. 155).

Apesar de inúmeras ressalvas sociologicamente referendadas, o autor acaba por fim reforçando o argumento do determinismo da seca e pobreza material como fonte produtora da construção das experiências. Isso explicaria tanto a “simplicidade” das experiências como sua – segundo o autor - eminente decadência (Macedo, 1993, p.156-157).

Embora de grande contribuição e rigor, as pesquisas de Guerra (1993) e Macedo (1998) erraram tanto nas suas premissas como nas suas conclusões. Talvez, fieis demais a modelos teóricos economicistas modernização ou análises quantitativas de questionários, acabaram por prever errado o futuro da legitimidade das experiências das chuvas e das secas. Afinal, na década seguinte a suas publicações, há uma profusão de encontros de profetas da chuva, apoiados por instituições públicas e privadas. Isso dará um novo vigor em pesquisas e debates. Daí resulta, por exemplo, a coletânea *Profetas da Chuva*, organizada por Karla Martins (2005), leitura obrigatória e, podemos dizer, “fundadora” de um ramo de pesquisas sobre o tema das experiências das chuvas. O livro resulta de pesquisas feitas nos encontros de 2003 até 2005, na cidade de Quixadá (CE), organizados por entidades privadas e órgãos públicos – universidades, Fundação de Meteorologia do Ceará (FUNCEME) nas primeiras décadas do século XXI. O livro organizado por Martins (2005) é dividido em três partes: (1) registros de falas de dez profetas participantes do Encontro Anual dos Profetas da Natureza do Sertão Central; (2) quatorze artigos acadêmicos sobre as profecias das chuvas e secas; e (3) uma revisão dos “sinais” de bom inverno e histórico do Encontro de Profetas da Chuva. Há uma parte do livro que relata o 1º encontro realizado ainda no ano de 1997, com apoio de entidades públicas e privadas, envolvidas em gestão das águas, setores de pesquisa e ciência até ao comércio local (Martins, 2006, p.222).

Na segunda parte do livro, feita por artigos acadêmicos, destacamos os textos de cientistas sociais⁵ que abrem novas frentes de pesquisa sobre o tema das experiências das chuvas nesse novo contexto midiático dos encontros anuais de profetas e profetizas século XXI. Renzo Taddei (2006), que registra já o que chama de “descontextualização” das práticas e profecias de um mundo rural já superado e uma “recontextualização” em modernos processos midiáticos de rádio e TVs locais, a partir da divulgação dos encontros de profetas da chuva. Os profetas, então, agora vão dominar desempenhos para falar e circular em ambiente midiático, fotos de jornais e até estarem na condição de celebridades locais (Taddei, 2006, p. 168-169).

Em suma, a regularidade e expansão de eventos de encontros como os de Quixadá e a obra multidisciplinar organizada por Karla Martins (2006) marcam um efetivo avanço conjunto de produção acadêmica e criação de outros encontros do tipo em vários estados do Nordeste. Para

⁵ Nos limites deste artigo optamos por dialogar com o trabalho de cientistas sociais e historiadores. Mas importante citar os trabalhos do comunicólogo Gilmar de Carvalho (2003, 2006) como de grande contribuição para pesquisas e debates sobre as experiências das chuvas e secas.

melhor entender, apresentamos o quadro abaixo, com os eventos que tiveram ampla programação e divulgação online e presencial nos últimos cinco anos na região semiárida do Nordeste.

Quadro 2: Encontros de profetas da chuva (2021-24)

NOME DO ENCONTRO	ANO	LOCAL
XXV Encontro dos Profetas da Chuva da cidade de Quixadá (RAMIRES, 2021)	2021	Realizado de forma remota através de lives na página “Profetas da Chuva” transmitidas no Facebook (Quixadá – Ceará)
XV Encontro dos Profetas e Profetizas da Chuva da região de Pedro II (STUDIO RURAL, 2023)	2023	Centro de Formação Mandacaru – Articulação para o Semiárido (Pedro II – Piauí)
VIII Encontro profetas da chuva de Catolé do Rocha (CALDAS, 2023)	2023	Campus Universidade Estadual da Paraíba (Catolé do Rocha – PB)
II Encontro de Profetas da Chuva do Cariri (CAGECE, 2024)	2024	Campus do Instituto Federal do Ceará (Crato – Ceará)
VII Encontro dos profetas da chuva da região dos Inhamuns (HOLANDA, 2024)	2024	Campus do Instituto Federal do Ceará (Tauá – CE)

Fonte: Elaboração dos autores a partir de pesquisas em sites de notícias e blogs dos municípios citados.

Ao pesquisar sobre os eventos, notamos que além da regularidade dos encontros – alguns já com cinco a dez edições – foi implantado durante a pandemia da COVID, um sistema de *lives*. Isso demonstra que, do ponto de vista tecnológico, também é errada a visão dos profetas apenas como “rurícolas e ultrapassados”: estes usam e amplificam seus encontros usando de formato remoto para divulgar seus conhecimentos para mais pessoas. Junto a isso o apoio constante de instituições públicas de educação (universidade e instituto federal) e empresas de gestão de águas (como a Cagece) refuta qualquer possibilidade de afirmar que há declínio ou deslegitimação do conhecimento das experiências de chuvas e secas.

Outro ponto é que as experiências não podem mais ser interpretadas como “resposta” à dificuldade de condições materiais de abastecimento nas secas. Afinal, no século XXI, os índices de pobreza rural e urbana no semiárido nordestino mudam profundamente: na consolidação da constituição de 1988, e ampliada por uma sucessão de governos federais a partir de 2002, alterará gradativamente uma lógica de desigualdades sociais que condicionava dependência de agricultores e agricultoras pobres, e era acentuada em períodos de secas. Destacamos, aqui, uma rede de políticas públicas, crédito, políticas de segurança alimentar, proteção social e transferência de renda. Importante também a ampliação da previdência para trabalhadores rurais (Angelo; Cardoso de Oliveira, 2021). Diluídas as condições de um sistema de trabalho de subordinação e moradia de trabalhadores do campo a grandes proprietários, acaba por desfazer certo perfil folclorizado do profeta ou profetiza da chuva como a um sertanejo pobre e simples que usava seu saber no ambiente embrutecido pela “natureza das secas” e miséria. No século XXI, o perfil do profeta ou profetiza de

chuva pende mais pra algo midiático, ora empreendedor, ora liderança mobilizadora⁶ ou de aposentado como agricultor ou agricultora. Aqui, esse perfil é próximo ao Sr. Espedito Ludugério, que entrevistamos em Pombal–PB.

ESPEDITO LUDUGÉRIO, UM PROFETA DA CHUVA NO BAIRRO DOS PEREIRO (POMBAL/PB)

Gravamos três entrevistas com o Sr. Espedito Ludugério, em datas de dezembro de 2022, maio e dezembro de 2023. Também usamos registros em diários de campo das conversas informais “no pé de calçada” em frente à sua casa e contato frequente via *WhatsApp*. No geral, as entrevistas tinham apenas perguntas iniciais planejadas e revezadas com outras que não estavam no roteiro. Optamos por ir ao final da tarde: nesses momentos, Espedito ia falando suas experiências das secas e das chuvas, por vezes nos chamando a uma parte superior da rua para ver “a barra do céu”, no bonito pôr do sol no sertão paraibano. Nascido na zona rural de Pombal (Sítio São Pedro) e agricultor aposentado, Ludugério relata que boa parte de sua vida foi trabalhando como “morador”, plantando milho e feijão, e fazendo “mandado”, trabalhando nas fazendas de algodão e pecuária na região. Eventualmente, também trabalhava na produção de rapadura dos engenhos. Aqui recorda, por exemplo, o ano de 1978 como de grande produção do doce em Pombal. Também menciona “questões de inveja” antiga e evita citar nomes de famílias detentoras de terras que trabalhou, mas diz que era morador “respeitado por ser trabalhador”. Além disso, era comum também que eles plantassem um pouco em casa para a própria alimentação, e, às vezes, quando a situação estava mais complicada, chegavam até a trabalhar apenas em troca da alimentação. Nesse tema do trabalho de agricultor, o Sr. Espedito associa um “cheiro de enxofre” e relata que já ficou à “beira da loucura”, chegando a trabalhar dezoito horas em um dia e o “sono secou”, precisando de tratamento médico. Em parte, por isso decidiu vir morar na cidade há quarenta anos: vendeu uma vaca e “juntou” recursos para ele mesmo construir uma casa no bairro dos Pereiros, na cidade de Pombal-PB. Atualmente, reside com filhos e netos nessa mesma casa.

Espedito relata que desde menino foi batizado na paróquia de Nossa Senhora do Bom Sucesso, em Pombal. Da infância, recorda também dos cantos que sua mãe entoava ao falar da fome da “grande seca do 77” no século XIX: “na seca de 77 eu me pus a imaginar, foi uma fome tão grande, quase ninguém pode escapar”. A relação da religiosidade católica e as “experiências” pode ser registrada em análise dos cordéis que o Sr. Espedito fez entre 2018 e 2023. Nestes cordéis, ele registra orações, comentários acerca de eventos da política, a pandemia da COVID, a copa do mundo e as procissões no Rosário e romarias que fez para cidades do Ceará. Seleccionamos, abaixo, experiências registradas

⁶ Exemplo disso vimos acompanhando o encontro de profetas da chuva de 2024, na cidade de Catolé do Rocha. Entre os participantes estava um profeta que é liderança de associação rural e uma profetisa empreendedora do ramo de produção de mel.

em três deles, resumidas no quadro abaixo:

Quadro 3: Experiências das secas nos cordéis de Espedito Ludugério

TÍTULO	ANO	DESCRIÇÃO DE EXPERIÊNCIA
Sonho da profecia Sonho da profecia é assumir a experiência com Deus, é assumir uma experiência de fé toma a tua cruz e segue	2018	<p>Em 14/10/2017</p> <p>Que Jesus do céu me ouça e envie seu mensageiro (...) hoje eu vejo a terra quente e os passarinhos já foram embora e o sol queimando a gente onde iremos escapar também que Jesus ordene as nuvens o relâmpago e o vento controlem a chuva para banhar todo nordeste que Jesus do céu me abençoe toda Pombal a Paraíba e o Brasil (p. 5).</p> <p>Em 22/01/2018</p> <p>Eu vi um sinal lá no céu no dia 22 de janeiro às 6 e pouco da tarde, uma nuvem se transformou em uma mão e eu chamei um e outro pra ver, um olhou e disse assim: é mais 5 anos de seca (p. 6).</p> <p>Em: 26/08/2018</p> <p>Passamos a falar do ano de 2019 sobre (...) passagens do inverno haveremos de ter um inverno em muitas partes do Nordeste em outras partes pode ser escasso (...) É bom caminhar com Deus no qual eu sou testemunha como toda Pombal conhece minha experiência muitas pessoas que comprou a mim o livrinho ano passado é testemunha pelo que passou 2016, 2017, 2018 todos nos lembramos bem na Paraíba o inverno foi bom. (p. 16)</p>
Me comparo com esta árvore, os espinhos são os meus pecados, o fogo queima a flor é minha alma, o fruto é o meu alimento e o varão é a ressurreição diante de Deus.	2021	<p>Em 11/07/2021</p> <p>O ano de 2022 até agora o sinal para o ano que vem sobre inverno até agora pé escasso (...) o ano vindouro vai cair chuva em Janeiro mas talvez não seja chuva de planta o inverno talvez só pegue de fevereiro em diante (p. 20).</p>
Histórias & Músicas	2023	<p>Falamos a respeito do inverno de 2023</p> <p>O tempo tá firme e claro, o vento sopra maneiro, o sol se põe limpo sem barra no mês da experiência, pelos sinais que tá acontecendo 2023 o inverno é atrapalhado (p. 24).</p>

Fonte: Produzido pelos autores a partir de Ludugério (2018, 2021, 2023).

Imagem 1: Capas dos livros de Espedito Ludugério



Fonte: Acervo pessoal do Sr. Espedito Ludugério.

Acompanhamos um relato de uma experiência “ao vivo” do Sr. Espedito, em dezembro de 2022. Ele nos chamou para sair da calçada de sua casa e fomos a uma parte superior da rua que tinha a escada de uma casa em construção. Subindo ali, tínhamos uma visão da praça da “Cruz da Menina de Pombal”. De lá, o Sr. Espedito nos aponta a “barra do céu” no pôr do Sol e afirma que, pela observação dela, 2023 seria um “ano bom” de chuvas (ver Foto 1).

Foto 1: Espedito Ludugério e a experiência de observar a “barra do céu” no pôr do Sol. (Pombal-PB)



Fonte: Registro feito por um dos autores.

As entrevistas e cordéis do Sr. Espedito Ludugério evocam a palavra “experiência” não como conceito fechado – modelo científico e disciplinar –, mas como algo que pode ter variados significados. Há improvisos, poemas, recitações, variações na “mistura” entre observação de animais, árvores, nuvens, “rastros” de chuva e rituais religiosos na região do Sertão da Paraíba e em lugares próximos do Ceará, aonde Espedito vai regularmente para as romarias religiosas – por exemplo, no ano de 2022, em novembro, ele havia ido a uma no município de Canindé. Destacamos, abaixo menções da palavra experiência:

A) A experiência da seca da cidade de Juazeiro a Canindé, no Ceará, e nota como a paisagem

“estava verde” o que indica que o inverno de 2023 será bom.

- B) Relâmpagos perto do dia de Natal como sinal de chuva. Ele destaca que a experiência diz que, se chove essa época do ano, o inverno começa mais cedo.
- C) Em agosto (de 2022) teve a experiência de observar, no Ceará, se um Juá estava maduro e com a copa cheia. Se a árvore tiver desigual, o inverno também será desigual. De setembro a agosto, a Oiticica também dá sinais da experiência das secas. A Mangueira também é outra que, se a copa “carregar”, é um bom sinal de chuvas.
- D) O Dia de São José é importante para a experiência da seca. Esse dia “fecha” o verão que às vezes pode ser sem chuva.
- E) A experiência do dia de São José também acompanha aquilo que Espedito chama de raptos de santo⁷. Pessoas que “roubavam escondido” uma imagem do santo das igrejas, levavam para sítios e fazendas e lá faziam promessas para devolver o santo após chover.
- F) A experiência destaca que, se dezembro chove, o inverno começa mais cedo no ano vindouro: de janeiro a março.

Complementam essas falas um áudio enviado pelo *WhatsApp*, em maio de 2023. O Sr. Ludugério menciona sua data de aniversário, recita os seguintes versos que serão usados na comemoração, e um novo cordel a ser publicado:

“Tamo em 2023, no 29 de novembro foi o dia que eu nasci
Vou inteirar 80 anos
Passarin canta nos campos alegre porque choveu
Espedito canta em casa alegre
Espedito canta em casa e na rua”

PROFETAS, EXPERIÊNCIAS, LINGUAGENS E INTERDISCIPLINARIDADES: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As cenas de secas e crises de abastecimento recorrentes, entre séculos XIX e XX, foram transformadas no cenário brasileiro pós-constituição de 1988. Nessa quadra histórica, mudam tanto a percepção das secas bem como as políticas de sucessivos governos alteram a pobreza rural e urbana. No decorrer dessa mudança, citamos pesquisas como as de Guerra (1993) ou Macedo Gomes (1998). A visão de certos modelos teóricos sociológicos e historiográficos, que continham “ranço” determinista, guiou a leitura de dados da pesquisa: até boas pesquisas concluíaam que a experiência das chuvas era como “resposta do sertanejo” às condições adversas climáticas e crises de fome e abastecimento. Isso levaria a afirmar que no advento da modernidade tecnológica em áreas rurais (telefone, rádio, luz elétrica, jornais com boletins meteorológicos etc.), as experiências iriam

⁷ Nas comunidades rurais de Riachão, Estrela e Juá de Pombal (PB), há o ritual do rapto de imagens de santos – como São José – como experiência para trazer bom inverno de chuvas. Ver dissertação de José Ferreira de Sousa (2021).

desaparecer. Contudo, vemos que, no século XXI, as experiências das chuvas dentro de uma profusão de encontros de profetas e profetisas da chuva em vários estados do Nordeste. Encontros divulgados amplamente via *blogs* e *lives* de internet, e sendo legitimados por universidades, imprensa dentre outros órgãos públicos e privados interessados no tema das chuvas, agricultura e gestão de águas.

Relatamos aqui também momentos em que nossos relatórios do projeto de pesquisa foram avaliados por colegas – em sua maior parte da área das engenharias. Quase sempre houve uma busca por “enquadrar” os registros da experiência de um profeta da chuva em modelos matemáticos, algo como colocar os registros das falas do Sr. Espedito em “algoritmos”, padronizar para comparar com registros de outras experiências e até com previsões meteorológicas sobre regime pluviométrico da região do sertão da Paraíba. Aqui temos um “curto-circuito” de visões epistemológicas de ciências “viciadas” em enquadrar e dominar tudo em modelos⁸ ou conceitos fechados, algo que não é exclusivo, mas que é muito intenso nas ciências exatas. Apresentando o “encontro” entre climatologistas e cientistas sociais, Taddei e Haines (2019) destacam como pontos importantes sobre esse tipo de conflito interdisciplinar e inevitáveis “alianças” entre inimigos – até porque só uma visão platônica, romantizada e ingênua pensa que interdisciplinaridade se faz pela união e cooperação harmônica entre visões da ciência. Ela se faz de forma antagonista e produtiva, entre expectativas de onde cientistas pensam estar e como localizam os que consideram “leigos”, que podem ser não somente pessoas do “senso comum”, mas outros cientistas de outras áreas no espectro burocrático institucional universitário. Nesse cenário, Taddei e Haines (2019, p. 204) destacam a possibilidade de que a mudança pode vir de profissionais imbuídos de algo comparado à metamorfose dos “xamãs” das cosmologias amazônicas: sujeitos que buscam soluções pragmáticas e construir pontes improváveis, por meio de mundos incoerentes, resultando em pessoas diferentes agindo juntas, de maneira satisfatória, sem pensar da mesma maneira. Portanto, a interdisciplinaridade “realista” é lidar de forma produtiva com o desentendimento sistemático, que é um elemento fundamental na composição da realidade.

Analisar falas do Sr. Espedito e experiências da chuva provoca uma busca por uma relação com um dito “saber local”: relação essa que pode ser próxima – mas sempre será incompleta – pela linguagem de conceitos científicos. As experiências das chuvas e das secas não se enquadram no modelo de ciência moderna. Isso não significa negar a validade das experiências – uma vez que estas não são charlatanice ou negacionismo climático. Significa posicionar sua legitimidade fora da carga das exigências nos modelos e cânones da ciência ocidental, nos quais termos “experiência” indicam relações e leis de causa e efeito, controle laboratorial de amostras e processos da natureza. Este é o modelo da ciência moderna das ciências naturais do empirismo, racionalismo, iluminismo e

⁸ Sobre esse ponto, ver a reflexão de Viveiros de Castro (2019) sobre a diferença de modelos científicos e da engenharia impostos pela modernidade, e os exemplos (bricolagem) vindos de povos ameríndios e camponeses.

positivismo lógico, até a moderna teoria da escolha racional em parte das ciências humanas, notadamente economia e ciência política (Hollis, 1996, p. 640-641). Refletimos aqui como a engenhosidade da experiência das secas e das chuvas está distante das engenharias e climatologias: sua linguagem é mais da poesia e da arte. E é nesse ponto que elas dão legitimidade e significados tanto para os profetas e profetisas como dos participantes e organizadores do crescente circuito de encontros das experiências das secas no Nordeste no século XXI. O relato das experiências do Sr. Espedito nos seus cordéis, nos áudios de *WhatsApp* e em uma conversa na calçada em uma cidade do interior da Paraíba nos provocam, no mínimo, a pensar, deslocar e “estranhar” alguns aspectos das condições de conhecimento e legitimidade da visão moderna da ciência.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PIBIC/CNPq).

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval. *A feira dos mitos: fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste 1920-1950)*. São Paulo: Intermeios, 2013.

ANDRADE, M. C. O. A seca e o combate aos fatores desestabilizadores da economia agrícola do Nordeste. *Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas*, n. 4 e 5, p. 33-38, 1985. DOI: <https://doi.org/10.37370/raizes.1985.v.593>.

ANGELO, J.; CARDOSO DE OLIVEIRA, L. R. Entre Documentos, inquirições e inspeções: a trama da produção de provas em processos de aposentadoria rural nos Juizados Especiais Federais. *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia*, n. 51, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22409/antropolitica2021.i51.a44352>.

CAGECE. Experiência ancestral e observação de profetas do cariri prevêem inverno tímido para 2024. 2024. Disponível em: <https://www.cagece.com.br/comunicacao/noticias/experiencia-ancestral-e-observacao-profetas-do-cariri-preveem-inverno-timido-para-2024/>. Acesso em: 13 ago. 2024.

CALDAS, P. Profetas da chuva: agricultores leem sinais da natureza para definir o momento certo do plantio. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/01/27/profetas-da-chuva-agricultores-leem-sinais-da-natureza-para-definir-o-momento-certo-do-plantio.ghtml>. Acesso em: 13 set. 2024.

CAMARA CASCUDO, L. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 12. ed. São Paulo: Global, 2012.

CARVALHO, G. (Org.). *Bonito pra chover: ensaios sobre a cultura cearense*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2003.

FERREIRA, A. *Tradições ruralistas: marcas de gado, experiências, clima e outras histórias*. João pessoa: Editora universitária, 1999.

- GALENO, A. *Seca e inverno nas “experiências” dos matutos cearenses*. Fortaleza: Gráfica do Sindicato dos Bancários, 1997.
- GOMES, A. *Imaginário social da seca, suas implicações para mudança social*. Recife: FUNDAJ, 1998.
- GUERRA, L. F. *Raízes da indústria da seca: o caso da Paraíba*. João Pessoa: EDUEPB, 1993.
- GUERRA, P.; GUERRA, T. Seccas Contra a Secca – Rio Grande do Norte – Seccas e invernos, açudagem, irrigação, vida, costumes sertanejos. In: LAMARTINE, O. *Memorial da Seca*. Coleção Mossoroense, 1909. Disponível em: <https://colecaomossoroense.org.br/site/acervo-oswaldolamartine/>. Acesso em: 13 jun. 2024.
- HOLANDA, W. (2024) . VII Encontro dos Profetas da Chuva dos Inhamuns acontecerá em Tauá. Disponível em: https://blogdowilrismar.com.br/?view=1&id_evento=7746. Acesso em: 13 ago. 2024.
- HOLLIS, M. Racionalidade e razão In: OUTHWAITE, W.; BOTTOMORE, T. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996, p. 640-641.
- LIMA, E. Euclides da Cunha e o Estado Novo. In: LIMA, E.; ALMEIDA, A.; ZILLY, B. (Org.). *De sertões, desertos e espaços incivilizados*. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2001, p. 77-100.
- LUDUGERIO, E. *Sonho da profecia é assumir a experiência com Deus, é assumir uma experiência de fé toma a tua cruz e segue*. Pombal, 2018 (Mimeo.).
- LUDUGERIO, E. *Me comparo com esta árvore, os espinhos são os meus pecados, o diante de Deus fogo queima a flor é minha alma, o fruto é o meu alimento e o varão é a ressurreição*. Pombal, 2021 (Mimeo.).
- LUDUGERIO, E. *Historias & Musicas*. Pombal, 2023 (Mimeo.).
- MAGALHÃES, J. *Previsões Folclóricas das secas e dos invernos no Nordeste brasileiro*. Fortaleza: Fortaleza Imprensa Universitária do Ceará, 1963.
- MARTINS, K. (Org.). *Profetas da Chuva*. Fortaleza: Tempo de imagem. 2006.
- MIRANDA, R. S.; GOMES, R. A.; MENESES, V. F. Mudança social e estudos rurais: reflexões sobre os desenvolvimentos e as disputas no campo. *Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas*, v. 42, n. Especial, p. 424-442, 2022. DOI: <https://doi.org/10.37370/raizes.2022.v42.800>.
- NEVES, F. de C. O discurso oculto dos retirantes das secas. *Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas*, v. 33, n. 2, p. 67-81, 2014. DOI: <https://doi.org/10.37370/raizes.2013.v33.390>.
- OLIMPIO, L. *A terra e a mudança: ensaio sobre os conflitos das Obras Contra as Secas no Semiárido*. Fortaleza: Raiz Imaginária, 2023.
- AMORIM, L. O.; GRISA, C. Combater a seca ou conviver com o Semiárido? fóruns e arenas de políticas públicas no Semiárido brasileiro. *Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas*, v. 38, n. 2, p. 43-57, 2018. DOI: <https://doi.org/10.37370/raizes.2018.v38.9>.
- PENNESI, K. Aspectos linguísticos nas previsões de chuva: Funceme e os profetas da chuva. In: MARTINS, K. (Org.). *Profetas da Chuva*. Fortaleza: Tempo de imagem, 2006, p. 144-156.
- QUEIROZ, M. *Arquitetura, cidade e território das secas: ações da IFOCS no semiárido do Brasil*

(1919-1945). 2020. 265 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.102.2020.tde-05062020-141847>.

RAMALHO, D. S. Seca, migração e moradia: onde fica a mulher? Invisível? *Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas*, n. 13, p. 31-51, 1996. DOI: <https://doi.org/10.37370/raizes.1996.v.497>.

RAMIRES, A. Profetas da chuva de Quixadá anunciam boas chuvas para o Ceará em 2021. Acesso em: <https://www.opovo.com.br/noticias/ceara/2021/01/23/profetas-da-chuva-de-quixada-anunciam-boas-chuvas-para-o-ceara-em-2021.html>. Acesso em: 13 set. 2024.

SOUSA, E. “*Experiências de inverno*”: a prática do roubo de santo e a sacralização de espaços sertanejos em comunidades rurais de Pombal-Paraíba (1950-2015). 2021. 219 p. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/43690>. Acesso em 13 ago. 2024.

SOUSA, F. G. R. B. Falas de seca, silêncios da liberdade. *Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas*, n. 10, p. 98–112, 1994. DOI: <https://doi.org/10.37370/raizes.1994.v.531>.

SOUZA, C. R. B.; PENNESI, K. O encontro anual dos profetas da chuva em Quixadá, Ceará: A circulação de discursos na invenção de uma tradição. *Horizontes Antropológicos*, v. 1, 2012, p. 159-186. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832012000200007>.

STUDIO RURAL. No Piauí entidades parceiras promovem encontro dos profetas e profetizas da chuva. 2023. Disponível em: <https://www.studiorural.com.br/no-piaui-entidades-parceiras-promovem-encontro-dos-profetas-e-profetizas-da-chuva/>. Acesso em: 13 ago. 2024.

TADDEI, R. Oráculos da chuva em tempos modernos: mídia, desenvolvimento econômico e as transformações na identidade social dos profetas do sertão In: MARTINS, K. (Org.). *Profetas da Chuva*. Fortaleza: Tempo de imagem, 2006, p. 161-171.

TADDEI, R. *Meteorologistas e profetas da chuva: conhecimentos, práticas e políticas da atmosfera*. São Paulo: Terceiro Nome, 2017.

TADDEI, R.; GAMBOGGI, L. Introdução. In: TADDEI, R.; GAMBOGGI, L. (Orgs.). *Depois que a chuva não veio: respostas sociais as secas no Nordeste, Amazônia e Sul do Brasil*. Fortaleza: CIMAS, FUNCEME, 2010, p. 7-31.

TADDEI, R.; HAINES, S. Quando climatologistas encontram cientistas sociais: especulações etnográficas sobre equívocos interdisciplinares. *Sociologias*, v. 21, n. 51, p. 186-209, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/15174522-0215107>.

VIVEIROS DE CASTRO, E. On models and examples. Engineers and bricoleurs in the Anthropocene. *Current Anthropology*, v. 60, s. 20, Agosto, 2019, p. 296-308. DOI: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/pdfplus/10.1086/702787>.